
O Comércio Ambulante nos Trens de São Paulo: Sociabilidade e Conflito¹

Natália Cruz Sousa²

Resumo

O trabalho tem como cenário os trens de São Paulo, onde circulam milhares de pessoas diariamente. O estudo desenvolvido parte da percepção da dinâmica dos trens enquanto espaço de sociabilidade e conflito, observada na pesquisa de campo realizada na Linha 11 do trem de São Paulo, do trecho Luz a Guaianazes, com atenção as relações sociais tecidas entre os atores: ambulantes, passageiros, pedintes, e agentes de segurança. A pesquisa foi construída com objetivo de evidenciar e analisar a prática do comércio ambulante, e suas implicações no espaço onde prática é proibida pelo poder público, mas que pode ou não ser desejável por parte dos passageiros, tornando necessário aos ambulantes estratégias e desenvolvimento de astúcias cotidianas para a permanência no espaço. Contudo, problematizo a respeito da relação entre ambulantes e passageiros através da comparação estabelecida com outra prática dita irregular no espaço, a mendicância. A temática pode contribuir a questões relacionadas à apropriação do espaço público; clandestinidade; práticas do cotidiano; informalidade; fiscalização e controle público.

Palavras Chave: Comércio ambulante, Ambulantes nos trens, Trem de São Paulo

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais, Guarulhos, 2014. Orientado por Andréa Barbosa, coorientado por Marta Jardim, sob o parecer de Lindomar Albuquerque.

² Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. Email: natalia.cruzdesouza@gmail.com

Introdução

Este texto apresenta de maneira sucinta o trabalho de conclusão do curso de ciências sociais na Univerdade Federal de São Paulo sobre o tema do comércio ambulante nos trens de São Paulo. A investigação desenvolveu-se a partir do “estranhamento” do trem impulsionado pelo aviso eletrônico ao público durante a operação: “A CPTM informa: Pedir esmolas e o comércio ambulante são práticas ilegais. Não incentive essas ações”.

A prática dita ilegal pela empresa ferroviária CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropololitanos) é amparada pelo decreto nº 1.832, de 4 de março de 1996, que aprova o regulamento dos transportes ferroviários, cujo anexo do regulamento dos transportes ferroviários Capítulo III, do transporte de passageiros, seção I, das condições gerais, dispõe:

Art. 40. É vedada a negociação ou comercialização de produtos e serviços no interior dos trens, nas estações e instalações, exceto aqueles devidamente autorizados pela administração ferroviária. (BRASIL, 1996)

A pesquisa norteou-se não nas definições legais, mas no cotidiano heterogêneo e ambíguo dos trens da cidade de São Paulo, onde são articuladas práticas de convivência e sobrevivência na metrópole. Nesse cenário são tecidas relações efêmeras entre atores sociais que se identificam no espaço por sua prática: passageiros, comerciantes ambulantes, agentes de segurança e pedintes.

Das possíveis perguntas que são pertinentes ao entendimento desta atividade no transporte público, adentro na percepção da dinâmica singular deste comércio e seus aspectos. Como se faz para vender nesse espaço? O que inclui as práticas espaciais e as políticas de espaço. Como se vende em um espaço totalmente diverso? Incluindo a organização social da venda.

Além da venda como troca, quais outras trocas? Refletindo a respeito das dinâmicas e os valores sociais envolvidos.

Entorno de questões de cunho político, econômico, e social, que tocam o tema, procuro através de uma perspectiva antropológica, perceber e analisar os aspectos antropológicos que fazem do espaço uma possibilidade ao comércio, e suas implicações. Para isso mobilizo uma literatura que toque o tema e/ou ajude a compreendê-lo com foco no repertório da antropologia urbana, pesquisa de campo e interacionismo simbólico.

Objetivos

A pesquisa foi construída com objetivo de evidenciar e analisar a dinâmica particular nesse transporte coletivo, um lugar em que transitam milhares de pessoas a todo tempo, para os mais variados destinos, possibilitando estratégias cotidianas de ações que visem à subsistência em meio à transgressão da regra.

Contudo, como objetivo geral visto ampliar o debate e abordagem da questão, sabendo sua importância contextual na atual dinâmica social do transporte coletivo, podendo contribuir a temáticas que aparecem como pano de fundo - a apropriação e privatização do espaço público; a ilegalidade; o direito à cidade; mobilidade urbana; práticas do cotidiano; informalidade; fiscalização e controle público.

Assim, os objetivos específicos são de problematizar a partir da abordagem antropológica e interacionista a percepção do comércio ambulante nos trens, venda não normatizada, a fim de compreender as relações de poder. Bem como, analisar a prática em contraste com outra também dita irregular no espaço, a mendicância, considerando as relações entre ambulantes e passageiros e pedintes e passageiros e algumas das

possíveis interpretações cotidianas das práticas no limiar dos desejáveis, toleráveis, e, indesejáveis.

Metodologia

Parto do pressuposto de que é necessário produzir um conhecimento que transcenda a superficialidade dos discursos reproduzidos sobre os atores envolvidos. Assim, para a compreensão do tema realizei trabalho de campo na Linha 11 do trem de São Paulo, no trecho Luz a Guaianazes, atentando ao espaço e as relações sociais tecidas.

A partir do mapeamento dos atores sociais temos características importantes para análise dessa atividade, demarcando as especificidades das relações travadas no espaço, onde a prática não é aceita por parte da autoridade, porém não necessariamente por parte de quem utiliza o serviço da empresa ferroviária, e, que também possivelmente consome produtos oferecidos pelos ambulantes.

A forma de pensar a pesquisa urbana admitida implica em uma compreensão “*de perto e de dentro*” (MAGNANI, 2002), que estabelece como método de trabalho a etnografia. Nesse sentido a abordagem etnográfica caracteriza a análise de maneira substancial, por sua relevância para um estudo microsociológico do assunto ainda pouco explorado em termos qualitativos.

Discussão/ Resultados

Durante a investigação, o comércio ambulante nos trens remetia a outras problemáticas, que procurei relacionar ao longo da pesquisa, questões sociais amplas de conflito, como o embate entre comércio estabelecido e o comércio

ambulante; a venda formal e a informal; a superlotação, entre outros, visíveis na própria apropriação do espaço do trem.

Os primeiros passos asseguraram um reconhecimento geral do espaço e dos atores envolvidos, a fim de traçar e situar brevemente - uma preparação mínima para os passos seguintes. Os segundos passos, ao utilizar as observações e dados coletados em campo trouxe aspectos da interação no espaço, que, nortearam na perspectiva a respeito da permanência dos ambulantes nos trens.

A sociabilidade e o conflito e sua enunciação como cerne da pesquisa aos poucos foi se desenhando nas relações entre os atores. Uma das dificuldades de lidar com a temática é que, apesar de próxima aos moradores da cidade, é distante em termos de registros, por pertencer ao que é tido como marginal, informal, clandestino e ilegal, o que favoreceu o estudo de campo.

Aos ambulantes e seus produtos comercializados de vagão em vagão são atribuídos estigmas, uma maneira da autoridade de escapar do contato com o indesejável. Diante da ordem legislativa, e todos os esforços de extermínio da prática nos trens, a criminalização do grupo é um processo gradativo de expulsão que apresenta discrepâncias, pois, no convívio social a recepção dos passageiros é diferente, não somente por serem portadores de opiniões variadas a respeito, como também por nortearem seus critérios em concordância com o convívio, ora harmonioso, ora conflitivo.

Os ambulantes nos trens encontram os limites de sua prática nas relações de poder – ambulantes e agentes de segurança (representantes do aparelho repressivo do Estado), e, ambulantes e passageiros (seus clientes consumidores). Ora desejáveis, ora sujeitos a intolerância dos passageiros, os ambulantes conseguem permanecer no espaço reconhecendo as

circunstâncias de risco e das oficialidades para o desenvolvimento de *astúcias* de autopreservação.

Como desviantes das regras exposto na mensagem auditiva ao público e cartazes institucionais, os atores envolvidos - pedintes e ambulantes - recorrem a estratégias diferentes de sobrevivência interpretadas pelos interlocutores, os passageiros. As práticas são interpretadas pelos passageiros segundo suas estratégias passíveis de discursos que reforcem as intencionalidades e que toquem moralidades diferentes entre pedir e vender. Contudo, a CPTM ao lutar pela implementação de suas regras pondera o papel dos passageiros de serem vigilantes cooperantes de sua política de erradicação de tais práticas.

Referências

AGUIAR, Ana Lúcia de Oliveira . **Entre o comércio informal e as margens do ilegal: Práticas de trabalho na rua 25 de março**. 2013, 210 p. Tese de mestrado. Pós graduação em ciências sociais da Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 26 de Agosto de 2013.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Lisboa: 90 Graus 2005, p. 07-96.

BECKER, Howard. “De que lado estamos?”. **Uma teoria da Ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p.122-136.

_____. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Senso Prático**, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 133-226.

CALDEIRA, Teresa P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 211-300.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. A arte de fazer. 12ª Edição. Petropolis: Vozes, 1994, p. 91-117 e p.169-215.

DUMONT, Louis. “Genese, I: do Indivíduo-fora-do-mundo ao Indivíduo-no-mundo”. **O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro, Rocco, 1985, p. 35-71.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Introdução. **Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 179-191.

_____. Os recursos para o bom adestramento; Ilegalidade e delinquência. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRÚGOLI, Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez/ Edusp/ Fapesp, 2000. p. 69-103.

_____. Espaços da cidade e atores sociais das ruas. **Espaços públicos e Interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiano**. Editora Vozes, 1985.

_____. As características das instituições totais; Introdução; O mundo do internado. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.07-99.

LEACH, Edmund R. A diversidade na antropologia; O meu tipo de antropologia. **A diversidade da antropologia**. Lisboa, Edições 70, 1982.

MAGNANI, J. Guilherme; TORRES, Lilian (Orgs). Quando o campo é a cidade, fazendo antropologia na metrópole. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana, São Paulo: Edusp/Fapesp. 2000.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003, p.183-314

MISSE, Michel. Sobre uma sociabilidade violenta. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris Ed., 2011, p. 251-267.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia**: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 17-127.

PIRES, Lenin. **Esculhamba mas não esculacha!** Uma etnografia dos usos urbanos dos trens da central do Brasil. 2011, 171p. Tese de mestrado. Pós graduação em antropologia na Universidade Federal Fluminense. Niterói.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de ciudad del este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese de doutorado. Pós graduação em antropologia social, Museu Nacional, Universidade Federal de São Paulo. Rio de Janeiro, dezembro de 2004.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª Edição, 1973, p. 11 – 25.

_____. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, E. M. (Org.) **Simmel**. São Paulo: Ática. 1983, p. 122-134.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Marina. **Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 07-42.

_____. **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 122-134.

_____. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, nº10, 1999. Disponível em:
<<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n10/n10a05.pdf>> Acesso em: 29 de outubro de 2012.

ITIKAWA, Luciana. Vulnerabilidades do trabalho informal de rua: Violência, corrupção, e clientelismo. **São Paulo em Perspectiva**. Volume 20, nº1, 2006, p.136-147. Disponível em:
<http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_10.pdf> Acesso em: Março de 2013.

MAGNANI, José Guilherme. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.35, 1992.

_____. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia Urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Volume 17, nº49, Junho de 2002. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>> Acesso em: 05 março de 2013.

MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 21, n. 61, 2007, pp. 139-157
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a10v2161.pdf>> Acesso em: 13 de maio de 2013.

NEVES, Delma Pessanha. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. **Caderno CRH**, Salvador, n.30/31, p.111-134, jan/dez,1999. Disponível em:
<<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=235>>. Acesso em: 23 de junho de 2013.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. **Cadernos NAUI**, serie antropologia. Brasília, 1992. Disponível em: <http://naui.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf> Acesso em: 29 de Outubro de 2012.

POCHMANN, Marcio et. al. **Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconomico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Disponível em: <http://fpabramo.org.br/uploads/mapa_do_trabalho_informal.pdf>
Acesso em: 20 de maio de 2013.

BRASIL. DECRETO n ° 1.832, de 04 de março de 1996. Disponível em:
<<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/112337/decreto-1832-96>>. Acesso em:
27 de fevereiro de 2014.

LUÍS, Pedro. **Miséria S.A.** Interprete: O RAPPÁ. In: Rappa Mundi. Rio de Janeiro:
Warner Music, 1996. 1 Cd. Faixa 2. 04''02'.